

MINAS DE ALCANADAS (BATALHA): PRELÚDIO, FUGA E FINAL

José M. Brandão¹; José FernandoVieira²; Dulce Vieira²; Ana Moderno³

¹Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora. josembrandao@gmail.com

²Centro Recreativo de Alcanadas, Batalha

³Museu da Comunidade Concelhia da Batalha / Câmara Municipal da Batalha

Descobertas durante a primeira metade da década de 1850 e registadas em agosto de 1854 na Câmara Municipal da Batalha, as minas de “carvão e ferro” de Alcanadas e Chão Preto foram objeto de algumas tentativas de exploração ainda durante o século XIX, após o reconhecimento da existência dos jazigos por Carlos Ribeiro (1813-1892), Chefe da Repartição de Minas do Estado. Entre os primeiros concessionários perfilaram-se o industrial Jorge Croft (1808-1874) e a “sua” Companhia, a *Portugal Iron and Coal Company Limited* (Companhia de Ferro e Carvão de Portugal). Porém, cedo abandonaram a região sem realizar trabalhos significativos.

O elevado teor de voláteis e de cinzas na queima, não tornavam este carvão apetecido pelos consumidores, pelo que só durante a Primeira Grande Guerra, com a carestia de lenhas e de combustíveis importados, a sua exploração se tornou sustentável. As minas foram então concedidas à firma *Vasco Bramão & Comp.^a* (1915) que, para exportar a produção para os grandes centros de consumo, construiu uma linha férrea de via reduzida até à Martingança (1917), onde entroncava na recente Linha do Oeste, substituindo assim o tradicional transporte dos carvões em veículos de tração animal.

Em janeiro de 1923, o engenheiro Vasco Bramão transmitiu a concessão de Alcanadas e Chão Preto para a *Sociedade Mineira do Lena Lda*, que, desde a sua constituição em 1921, tentava agregar, sob uma única entidade, as minas da Batalha e as do vale do Lena (Porto de Mós). Como diretor técnico da nova Sociedade foi indigitado o sócio conde de Arrochela (1884-1963), engenheiro militar, que traçou as linhas mestras do desenvolvimento do Couto Mineiro, que a concessionária que lhe sucedeu, a *The Match and Tobacco Timber Supply* (1926-1932), foi implementando.

Sublinhem-se, nesta nova etapa da vida do território mineiro, a tentativa de resolução do problemas dos transportes, com a remodelação da linha e o seu prolongamento para sul, para lá de Porto de Mós, até às minas da Bezerra (Caminho de Ferro Mineiro do Lena), entretanto aberta ao tráfego de passageiros e mercadorias, e o lançamento da construção de uma central termoelétrica para consumir as lignites de Alcanadas. Esta entrou em funcionamento em maio de 1933, data que marca o início de uma nova etapa da vida destas minas, que avizinhando-se o esgotamento das minas de Porto de Mós, em conjunto com a central térmica (Central Lena) se tornam pilares centrais da atividade de todo o Couto Mineiro do Lena.

Com a eclosão da II Guerra Mundial e o reforço do papel da central elétrica de Porto de Mós, os trabalhos na mina intensificam-se e os investimentos multiplicam-se; a lavra manual é substituída por equipamentos mecânicos de desmonte (roçadoras) e de arraste dos carvões; à superfície são construídos uma oficina de escolha mecânica e silos carregadores, concluídos que foram os ramais de caminho de ferro de ligação das minas à Central Lena.

Terminada a Guerra, conjugam-se as situações que conduzem ao declínio da importância destas minas: por um lado, o aumento do recurso aos combustíveis líquidos, cuja produção aumentara com a instalação de refinarias em solo nacional; por outro a expansão da rede de produção e distribuição de hidroeletricidade, que vinha relegando para segundo plano (ou condenando) as centrais elétricas a carvão, entendidas como reserva ou complemento do trabalho das barragens. É neste contexto, que a Empresa Mineira do Lena se vê obrigada a alienar a Central, em 1948, que passa para a SEOL (Sociedade

Elétrica do Oeste, Lda.), que em pouco tempo se desinteressa pela mina, paralisando praticamente a produção entre 1950 e 1951.

João Monteiro da Conceição (1902-1989), diretor técnico das concessionárias desde 1928, propôs-se ainda explorar, com a SOCARBO (Sociedade Carbonífera de Porto de Mós) que fundou para o efeito, esta e outras minas do Couto Mineiro desmembrado em 1954; contudo, os pesados encargos que pesavam sobre as minas e as condições em que se encontrava o carvão, já para não falar da sua qualidade, levaram-no a abandonar o projeto solicitando à Direção Geral de Minas o cancelamento das autorizações que lhe haviam sido concedidas (1959).

Palavras-chave: minas; carvão; Alcanadas; Batalha; memória.